

O que quer a vontade que quer tecnologia?

What wants the will that wants technology?

Rafael da Silva Paes Henriques
Doutorando PPGF-UFRJ
Bolsista Capes

Resumo: Este artigo pretende entender o envio no qual a tecnologia se estrutura. A partir do pensamento de Nietzsche e Heidegger, sustentamos que a era da técnica é a saturação da modernidade e seu projeto de domínio, controle, previsão, correção e até mesmo substituição do mundo em que vivemos. Sendo assim, a tecnologia é apresentada como consanguínea à metafísica e ainda como promotora de desvelamento do mundo desde com-posição (*Gestell*).

Palavras-chave: Nietzsche; Heidegger; Tecnologia; Metafísica; Existência.

Abstract: This paper aims to understand the deployment that structures technology. Drawing from Nietzsche and Heidegger, we argue that the era of technique is a saturation of the modernity and its project of domination, control, prediction, correction and even replacement of the world in which we live. Thus, technology is presented as consanguineous to metaphysics and as a promoter of the unveiling the world since composition (*Gestell*).

Keywords: Nietzsche, Heidegger, Technology, Metaphysics; Existence.

I. Introdução

Além de indicar origem, a noção grega de *arché* contém também a ideia de envio. É que toda gênese traz em si uma determinada configuração, uma disposição para certo modo de ser, uma forma, uma destinação. É claro que com isso não se quer afirmar nenhum fatalismo ou determinismo da realidade, nem se quer sustentar que não há devir em tudo aquilo que se realiza. Ao contrário, o que essa interpretação do termo pretende apontar é que além de fazer vir a ser, toda geração transmite uma herança àquilo que nasce: uma espécie de força, um vigor imperante, um certo poder ser. Isso quer dizer que a proveniência não somente realiza o que é, como também o faz sempre com um certo encaminhamento, de uma dada maneira, e não de outra.

Entretanto investigar a *arqué* não é ficar procurando alguma coisa, em algum lugar remoto do passado; não é o esforço de olhar para trás com o intuito de revelar uma substância ou essência da realidade que estaria esquecida ou escondida, pela ação do tempo, mas que, em última instância, seria a causa primeira de tudo que acontece. Antes disso, pensar gênese significa justamente tentar compreender o que nos é mais próximo; é enxergar, no presente, a força e a orientação de nascimento.

Nesse modo de se compreender o movimento de realização da realidade, é preciso investigar o jogo de presente, passado e futuro, não como espaços de tempo estanques e em si mesmos, mas justamente como uma complexa relação que inclui, no *sendo*, a força do *ter sido* e o envio do *assim será* que nos sobrevém, isto é, que vem ao nosso encontro e nos toma no presente, como promessa. Assim como o passado não é da ordem do que passa, mas algo que perdura e permanece de alguma maneira no presente, na vigência do *ter sido*, o futuro também não é um continente, um substrato ou receptáculo no qual se faz projeções, e sim algo que irrompe no hoje. “O hoje tem a sua proveniência no vigor de ter sido, ao mesmo tempo, é exposto ao que sobrevém” (HEIDEGGER, s/d, p. 2).

É com esse espírito que este artigo quer investigar a atualidade. É bem fácil constatar que a tecnologia está cada vez mais presente em nosso cotidiano. E mais que isso: parece que o desenvolvimento de novos dispositivos e aplicações tecnológicas está cada dia mais acelerado, como se não houvesse limite ou obstáculo capazes de impedir a vontade humana de prever, dominar, controlar, melhorar e corrigir o mundo em que vivemos.

Só que, para fazer da tecnologia um objeto de estudo atual, no sentido que expomos anteriormente, não basta que ela esteja muito presente em nosso dia a dia, como se a abordagem ao problema fosse mero detalhe ou uma questão de livre escolha do pesquisador. É necessário investigar a sua *arqué*. Isto quer dizer que o esforço deve ser o de procurar qual é o vigor (origem) e o envio (destino) nos quais a tecnologia se estrutura; atualizar a questão é tentar esclarecer de onde vem a associação de técnica e ciência, e o que ela pretende cumprir. Este artigo quer entender o que quer a vontade que impulsiona o homem a buscar sempre cada vez mais tecnologia, esclarecendo a gênese e o encaminhamento desse projeto.

Para tanto, faremos uso das contribuições de Nietzsche e Heidegger para a questão. Do primeiro, vamos apresentar a tecnologia

como um projeto consanguíneo à metafísica, já que as duas atividades partilham do mesmo envio e promessa, qual seja, a dominação, controle, correção e até mesmo substituição da realidade. Nesse sentido, os conceitos de *vontade de verdade* e *espírito de vingança* serão os pontos de ancoragem. Do segundo, adotamos a compreensão de que, ao prometer acabar com o esforço, a tecnologia se propõe a retirar do homem aquilo que lhe é mais próprio: a necessidade de vir a ser. Para Heidegger, o homem é o único ente que não é nada pronto e acabado, e essa escassez, pobreza e dor precisam ser transformadas em obra, em ação. Mas por rebeldia, o homem tende a não assumir a sua tarefa. Então, quer sempre mais e mais tecnologia, porque, na atualidade, é ela que garante a continuidade do projeto de assenhoreamento e controle do mundo e de redenção da condição humana de precisar fazer esforço.

Essa condição foi exemplarmente expressa na história de Sísifo, personagem da mitologia grega. Considerado um mestre da malícia e dos truques, ele não consentiu com seu próprio fado e natureza de mortal e ofendeu os deuses ao enganar a Morte, por duas vezes, durante sua longa vida. Sísifo morreu somente de velhice. No Tártaro, foi considerado um grande rebelde e, dessa forma, acabou condenado a passar toda a eternidade a rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele chegava ao topo, a pedra rolava novamente, montanha abaixo, até o ponto de partida.

Podemos interpretar o castigo de Sísifo como sendo, na verdade, uma sentença para todos os mortais, um fundamento da existência humana: estamos todos fadados a sempre reconstruir o movimento de vir a ser aquilo que somos. Para o homem, nada está garantido e, por isso, ele sempre precisa repetir o esforço e refazer a ação, pois nunca obtém direito de posse definitiva dos estágios alcançados. Aquilo que conhecemos ou realizamos não representa uma conquista, se por conquista se entender algo que já foi plenamente dominado ou que está sob total controle. É que quando o homem alcança o cume, a pedra sempre rola, mais uma vez, até o sopé da montanha; o que o força, invariavelmente, a retomar a mesma tarefa. Nessa compreensão do mito de Sísifo, a história quer nos mostrar que o domínio humano sobre o mundo é sempre inseguro, precário e provisório. É sempre um tatear no qual o que se efetiva, se perde logo a seguir. Se é assim, a necessidade de refazer o que já havia sido feito é algo da própria condição humana.

Este artigo quer apontar que a maneira como o homem lida com esse fardo e que as respostas que ele apresenta frente a fragilidade do conhecimento e ao débil poder que tem sobre a realidade são pontos decisivos para investigação da *arquê* da tecnologia.

2. O ápice do projeto metafísico

A solução metafísica para a irrevogável condição do homem e para a precariedade de seu controle sobre o real é a estruturação de um outro mundo, na razão. Nessa perspectiva, a realidade passa a ser compreendida como uma estrutura que pode ser dividida em duas partes: o mundo ideal, em oposição ao mundo da aparência. O primeiro seria acessível somente pelo pensamento e funcionaria como fundamento do segundo, já que o mundo das substâncias foi concebido com uma espécie de arquivo onde estariam guardadas as essências responsáveis por tudo aquilo que se manifesta no mundo aparente.

Ao engendrar o mundo ideal, o projeto metafísico quis assegurar a existência de uma dimensão do real na qual o domínio e o controle do homem pudessem ser completos. Ela seria possível justamente porque essa concepção da realidade entende que a existência é dotada de substancialidade. Desse modo, mesmo com algumas variações e mudanças que podem ser registradas pelo homem no mundo, em tudo aquilo que existe haveria algo que não muda nunca: uma natureza primeira como princípio de todo real com o qual o homem se relaciona.

Com efeito, torna-se plenamente possível ao homem estabelecer uma ordem ao mundo, determinar a real identidade de tudo que há, definir as relações de causa e efeito da natureza e ainda esclarecer a verdade dos entes com clareza e transparência, independentemente de condições acidentais que não dizem respeito à essência do real. Desse modo, existe uma forma de se evitar o erro ou a incerteza de um mundo simplesmente aparente, no qual não se pode ter convicção, isto é, nenhuma garantia de estar fazendo um juízo correto sobre as coisas. Como causa essencializada da realidade, o mundo ideal seria imutável e perfeito, e, por isso, ele é o objetivo, a meta e o refúgio daqueles que querem se livrar de um eventual engano promovidos pelos sentidos ou não querem lidar com a necessidade de refazer o percurso, a cada nova experiência. Se a realidade passa a ser

organizada a partir de substâncias, uma vez que se conhece a essência de algo, se descobre sua verdadeira verdade: eterna, necessária e universal.

Pois é precisamente essa verdade perene e inalterável que Nietzsche quer por em questão, em toda crítica que faz ao projeto metafísico. O autor se pergunta pelo valor da vontade que quer exatamente esse tipo de verdade. Quer saber como e a partir de que processo, ficou determinado que o mundo ideal vale mais que o mundo aparente. Como consequência, deve-se perguntar também, de que maneira a propensão à verdade metafísica, isto é, à verdade equivalente à certeza absoluta, tornou-se mais importante que uma outra vontade que quer, por exemplo, a incerteza.

*Quem, realmente, nos coloca questões? O que, em nós, aspira realmente “à verdade”? – De fato, por longo tempo nos detivemos ante a questão da origem dessa vontade – até afinal parar completamente ante uma questão ainda mais fundamental. Nós questionamos o valor dessa vontade. Certo, queremos a verdade: mas por que não, de preferência, a inverdade? Ou a incerteza? Ou mesmo a insciência? (NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, § 1)*

Para começar a responder a essas perguntas, Nietzsche aponta que a metafísica é produto da *vontade de verdade*. Essa vontade não reconhece nem consente com a provisoriidade que existe mesmo nas determinações mais consagradas da realidade, e, por isso, as identifica como sendo a própria natureza das coisas. A vontade de verdade revela, assim, uma atração fatal à segurança dos valores já estabelecidos, uma inclinação irresistível a tudo aquilo que se refere à perenidade, ao infinito, à necessidade, à substancialidade e à universalidade. Ela é uma disposição, uma tonalidade afetiva pela qual o homem é tomado e, a partir da qual, o homem se relaciona com a realidade de uma maneira muito particular: nesse horizonte, o homem é a medida para tudo aquilo que se realiza. Ele é o parâmetro que determina a existência ou inexistência de qualquer manifestação do real.

Podeis pensar um Deus? - Mas é isso que significa o vosso desejo de verdade: que tudo se transforme no que pode ser humanamente pensado, humanamente visto, humanamente sentido! Deveis pensar, até o fim, os vossos próprios sentidos!

E aquilo a que chamais mundo, é preciso, primeiro, que seja criado por vós: é isso o que a vossa razão, a vossa imagem, a vossa vontade, o vosso amor devem tornar-se! E, na verdade, para a vossa felicidade, vós que buscais o conhecimento! (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, II, “Nas ilhas bem-aventuradas”)

A realidade passa, então, a ser regida e regulamentada desde a capacidade do homem ver, pensar, sentir e conhecer. Em um mundo assim compreendido, tudo que há pode, e deve, ser conhecido e controlado pelo ser humano. Isso quer dizer que a vontade de verdade acaba por restringir o mundo a uma única possibilidade na qual o homem não somente é o criador, como também é aquele que, por direito adquirido, tem o domínio e a posse da existência.

Então, é desde a vontade de verdade que o mundo ideal passa a ter muito mais valor que o mundo aparente. É a partir dela que o segundo foi classificado como menor, como errado e equivocado. Ele é como não deveria ser, por isso, deve ser negado. Recusa-se o mundo efetivo em favor de um mundo mais real que a própria realidade, em função da verdade como certeza. Assim, a vontade de verdade também promove o superdimensionamento e a hipertrofia da consciência, em um movimento que desconsidera a dimensão dos sentidos, constitutiva da própria existência. Nesse interesse, é preciso desvalorizar, e até mesmo denegrir, tudo o que é da ordem do corpo, para, ao contrário, supervalorizar o espírito, isto é, a razão e a consciência. O homem passa a ser algo separado da natureza e seu destino é tornar-se o senhor da Terra.

O suspiro do homem do conhecimento. – “Oh, minha avidez! Nesta alma não existe abnegação – mas sim um Eu que tudo ambiciona, que mediante muitos indivíduos gostaria de ver com seus *próprios* olhos e agarrar com suas *próprias* mãos – um Eu que também recupera todo passado, que nada quer perder do que lhe poderia pertencer! Oh, essa chama da minha avidez! Oh, que eu ainda renascesse em milhares de seres!” – Quem não conhece por experiência esse suspiro, também não conhece a paixão de quem quer conhecer (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, § 249).

Sem dúvida alguma, o projeto metafísico é uma das mais importantes repostas para a questão da condição humana e para o modo

como o real se estrutura. Porém, essa não é a única maneira de compreender e de se relacionar com a realidade. Para Nietzsche, o mundo não pertence ao homem e nem mesmo se constitui como algo separado dele. O homem não é nada diferente ou autônomo da natureza, já que também faz parte dela. Em última instância, o real não é uma propriedade humana, nem nunca poderá ser totalmente controlado. É que o conhecimento que o homem tem sobre a realidade será sempre finito e limitado pelo devir.

Sendo assim, a avidez e volúpia do ser humano não é nem pode ser o parâmetro para tudo aquilo que existe. Por isso, Nietzsche classifica a vontade de verdade – que quer a certeza, a segurança, a estabilidade e irreversibilidade dos valores estabelecidos – como pura cobiça. A vontade que quer a verdade metafísica é marcada pela falta de medida, pela sanha e pela gana. Isso porque é uma disposição que atua em total descompasso e desmesura com a existência; é um expediente que o homem utiliza para atopelar, com ânsia de controle, tudo aquilo que se realiza.

Para a compreensão nietzschiana, a base que sempre se utilizou para fundar o mundo ideal é o nada, e a substancialidade do real é apenas uma invenção, um delírio da razão. Esse foi o maior erro de toda a História da Filosofia, a saber, a tentativa de separar para, de alguma maneira, assenhorear-se do mundo em que vivemos, excluindo a verdade provisória para conquistar a certeza absoluta. Só que esse erro foi o ponto de partida para boa parte dos investigadores que fizeram, e ainda fazem, a História da Filosofia e da Ciência. O pressuposto de toda produção metafísica é que a precariedade da existência humana e o modo como o real se estrutura são como não deveriam ser. Por isso, desde Sócrates, o Ocidente cultivou a crença de que, por meio da razão, uma outra maneira de se relacionar o mundo nos seria possível.

Agora, junto a esse conhecimento isolado ergue-se por certo, com excesso de honradez, se não de petulância, uma profunda *representação ilusória*, que veio ao mundo pela primeira vez na pessoa de Sócrates – aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de *corrigi-lo* (NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, § 15).

Ao fazer essa divisão, ou seja, ao criar o pensamento metafísico, o homem pretendeu fazer com que todo o esforço de Sísifo, de ter que rolar a pedra de mármore morro acima, não fosse inútil. O objetivo foi não precisar repetir o mesmo esforço várias vezes. A necessidade de refazer sempre a mesma tarefa é uma condição que foi interpretada como castigo e punição, sendo, portanto, um fardo pesado e maldito para o homem. Antes disso, melhor que o mundo seja reorganizado em essências determináveis, pela razão. Dessa maneira, o homem tem a possibilidade, não somente conhecer, como também de corrigir o modo como a realidade se estrutura. É assim que se ganha a chance de conquistar, de uma vez por todas, o cume da montanha, fixando a pedra lá no alto para nunca mais ter que repetir o esforço de rolá-la morro acima.

Só que, para Nietzsche, fabular acerca de um outro mundo, dividir a realidade em essência e aparência, é um projeto daqueles que estão tomados tanto pela vontade de verdade, como também pelo *espírito de vingança*. Como quer a certeza definitiva, e uma vez que tem sede de verdades absolutas, o homem moderno transforma em culpa aquilo que falta, em toda possibilidade ainda não efetivada. A sua vontade de verdade é a justificativa para o seu remorso, é a base para o seu descaso com aquilo que simplesmente aparece para ele, para a sua revolta com a vida como ela é. Ou seja, a verdade metafísica como meta é o fundamento para seu delírio de vingança.

“*Terceira tese*. Não há sentido em fabular acerca de um ‘outro’ mundo, a menos que um instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso *vingamo-nos* da vida com a fantasmagoria de uma vida ‘outra’, ‘melhor’”¹.

Se o real é como não deveria ser, não haveria nada mais legítimo e até mesmo mais justo do que a tentativa de melhorá-lo e corrigi-lo. Essa é a finalidade da vingança: estruturar uma vida em que não reste nenhuma dúvida sobre a realidade. Nesse projeto, a tecnologia é uma arma bastante eficaz. Isso porque, em uma época em que Filosofia, Moral, Religião, e até mesmo as ciências puras perdem valor, hoje ela é a principal atividade que promove a correção da realidade e a redenção do homem. A tecnologia assumiu, na atualidade, o lugar de maior instituição de manifestação do ideal de melhoramento do real e de salvação da humanidade. A tecnologia

¹ NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos*, “A razão na filosofia”, § 6.

pode, assim ser compreendida, como a concretização, como o ápice do projeto metafísico.

O que queremos apontar é que a crítica de Nietzsche à metafísica pode hoje ser atualizada na tecnologia, porque ambas partilham da mesma origem. Assim como a metafísica, a associação de técnica e ciência, também tem por objetivo controlar, dominar, corrigir e até mesmo substituir a realidade, livrando o homem da necessidade de fazer esforço. A vontade que quer cada vez mais tecnologia quer verdade e vingança, quer o domínio e controle irrestritos do real, quer até mesmo substituir o homem e o mundo. Quer exatamente o que não é possível, aquilo que não se pode querer.

O problema, e a limitação desse projeto, é que vida é mesmo rolar pedra morro acima: é um jogo no qual sempre vai haver alguma dimensão de insegurança ou incerteza, e em que não há sucesso e conquista definitivos. Nem todo o real cabe na concepção metafísica e tecnológica do mundo, e, assim, muitas outras possibilidades de realização da realidade ficam de fora. O jeito, então, seria lidar com o mundo do jeito que ele é: cheio de armadilhas, de falsidade e de ocaso. A pedra de mármore que Sísifo se esforça tanto para virar no aclave, sempre volta para o lugar de origem, logo após conquistar o topo.

É claro que se homem é esforço, a tecnologia não dá conta de cumprir com o que a metafísica um dia pretendeu: corrigir o real. Só que ao invés de reconhecer o erro, naquilo que fundamenta essa vontade, o homem acredita que não há nenhuma falha de projeto, mas apenas alguns erros de execução que podem, e precisam, ser ajustados. Por isso, quer cada vez mais tecnologia, na esperança de que um dia seu esforço seja reduzido a zero. O sonho e a promessa é a perpetuação do sétimo dia sobre a face da Terra.

O homem quer mais do que a vida pode dar porque acredita que a vida é menos do que deveria ser. A metafísica e a tecnologia querem o que não têm o direito de querer, visto que a natureza do homem é finitude, contenção e limite. Ao invés de celebrar e acolher essa condição, na atualidade, a tecnologia se apresenta como uma decisão do homem capaz de preencher a falta, carência e deficiência que ele é. A vontade de verdade e o espírito de vingança estão na origem dessa promessa e representam a mais pura *hybris*, desejo de infinito, presunção e petulância. E é exatamente desse descompasso com a realidade do real que a tecnologia se alimenta.

Seguindo essa orientação, a ânsia de cada vez mais novos dispositivos tecnológicos nunca terá fim, já que o que marca a desmedida é a insaciedade e uma eterna insatisfação.

3. Pensar o sentido da tecnologia

Heidegger também identifica a tecnologia justamente como uma atividade que põe em jogo um modo muito próprio de relacionamento com o real, no qual o mundo aparece como algo de uma natureza separada e diferente do homem e cuja vocação é ser plenamente conhecida e controlada por ele. Sendo assim, o homem seria o único ente capaz de agir na determinação do destino, finalidade e realidade do mundo. Do alto dessa capacidade, o ser humano tem por tarefa entender a estrutura do real para, então, decidir por uma apropriação do mundo da maneira que lhe for mais útil e conveniente. Para isso, a tecnologia precisa reduzir a realidade a uma única dimensão: a objetiva. Para que todo real se torne simplesmente o somatório de coisas determináveis e à disposição da vontade e do domínio do homem, a tecnologia reifica e planifica a vida. Com efeito, mundo passa a significar tudo aquilo que é desde o horizonte de previsibilidade e asseguramento.

A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade (HEIDEGGER, 2010, p. 17).

O que o autor quer chamar a atenção é para o fato de que, ao contrário do que entende o senso comum, a técnica não é neutra. A técnica deve ser aqui entendida como a técnica moderna, ou tecnologia, isto é, a associação de ciência e técnica, movida a partir do sentido cartesiano. Em Descartes, quando penso, só posso ter a certeza de uma coisa: a existência de mim mesmo, que sou sujeito, ou seja, agente desse pensar. É desse modo que o sujeito ganha uma existência, uma *res* separada do mundo – *res cogitans* – e transforma-se no único lugar seguro para uma relação com o real baseada na certeza.

A partir desse *logos*, técnica moderna é sinônimo de instrumento de controle à disposição de um sujeito que tudo pode, a partir de si mesmo.

É por isso que afirmamos que a tecnologia não opera uma mediação livre e desinteressada de homem e mundo. Ela não é nem um pouco neutra, mas precisamente o contrário: é uma perspectiva, uma forma específica de descobrimento, ou seja, de fazer vir a ser tudo aquilo que é. Para entender melhor como esse interesse se realiza, é preciso ter a clareza de que a ação da tecnologia é uma atividade que coloca um tipo de verdade em funcionamento.

Sendo descobrimento da dis-posição, a técnica moderna não se reduz a um mero fazer do homem. Por isso, temos que encarar, em sua propriedade, o desafio que põe o homem a dis-por do real, como dis-ponibilidade. Este desafio tem o poder de levar o homem a recolher-se à dis-posição. Está em causa o poder que o leva a dis-por do real, como dis-ponibilidade (HEIDEGGER, 2010, p. 22-23).

Como atividade humana, a tecnologia não se reduz a um agir qualquer, mas é um fazer no qual, quem o cumpre, pode dispor do real como disponibilidade. Isso quer dizer que a tecnologia é a ação de alguém que se compreende e se impõe como um sujeito que pré-está e sub-está à própria ação, sendo também a sua causa. Assim, o homem seria algo provido de uma existência e substância anterior ao agir e, que, permanece exatamente a mesma depois de cessada a atividade. Nessa ação particular, que é a da tecnologia, o homem é sempre o agente, o responsável por todo agir. Além disso, não se admite a possibilidade de o resultado, ou o próprio fazer dessa ação, interferir ou transformar, de alguma maneira, aquele que a realiza.

Isso é assim porque essa atividade quer, de alguma maneira, controlar o real e prever os resultados da relação com o mundo. O agir da tecnologia é um fazer no qual sempre se realiza a ordenação, organização e disposição prévia da realidade, para que, assim, toda e qualquer experiência se ofereça sempre da mesma forma, independentemente do contexto, ou de quem a realiza. Por isso, Heidegger afirma que a essência da técnica está na com-posição.

A essência da técnica moderna repousa na com-posição. Sua regência é parte do destino. Posto pelo destino num caminho de descobrimento, o homem, sempre a caminho, caminha continuamente à beira de uma

possibilidade: a possibilidade de seguir e favorecer apenas o que des-encobre na dis-posição e de tirar daí todos os seus parâmetros e medidas. Assim, tranca-se uma outra possibilidade: a possibilidade de o homem empenhar-se, antes de tudo e sempre mais e num modo cada vez mais originário, pela essência do que se des-encobre e seu desencobrimento, com a finalidade de assumir, como sua própria essência, a pertença encarecida ao desencobrimento (HEIDEGGER, 2010, p. 28-29).

Para cumprir com o caminho de desencobrimento operado pela tecnologia, o agente da ação não está, nem pode estar, aberto para o novo; ele nunca deve se entregar ao próprio agir, mas precisa se resguardar dos imprevistos se fechando a outras possibilidades e se orientando a partir da única determinação do real que lhe interessa: a utilitária. Esse é o parâmetro e a medida da tecnologia. Sendo assim, o mundo se mostra e se apresenta sempre e somente em uma perspectiva: a dimensão objetiva, na qual tudo vira coisa encerrada numa possibilidade pré-vista e sempre disponível ao homem; e o sujeito também permanece invariavelmente o mesmo: o responsável pela ação, que subsiste em si mesmo, e desde si mesmo.

Heidegger afirma que é justamente aí que mora o perigo da tecnologia. O alerta não diz respeito à tecnofobia ou propaganda anti-capitalista. O autor nem de longe propõe que a solução para o problema seria a proibição do uso dos dispositivos tecnológicos. Nada disso. O risco denunciado pelo filósofo é o de que a ação da tecnologia pode passar a ser concebida, não apenas como uma das possibilidades de desencobrimento da realidade, mas como a única maneira necessária ou mesmo possível de produção da verdade. Nesse sentido, o monopólio da tecnologia pode inviabilizar um modo mais originário de relacionamento com o real.

Nessa outra relação, possível somente ao homem, o esforço não é exercido para que se possa dominar o que se revela, mas sim para que se consiga uma aplicação total ao que se des-encobre e ao seu desencobrimento. O problema é que esse tipo de relacionamento essencial com o real só pode ser realizado quando o homem deixa de se impor como sujeito para voltar-se, e orientar-se para a coisa mesma. É quando ele se põe de modo tal que o objetivo maior não é prever ou controlar, mas guardar e resguardar o sentido daquilo que se realiza. Precisa ser um andar comedido, ajustado e compassado com o próprio real; uma postura, uma

atitude, um modo de ser em que o homem se propõe a pensar junto da coisa, e a ficar à espera do inesperado, porque quer experimentar a tensão de participação de gênese.

Nessa disposição, se efetiva uma total entrega, um não-fazer de raríssima atividade. É uma escuta, uma orientação na qual o homem vivencia um abandonar-se, um deixar-se à mercê da experiência, que permite que ele seja completamente tomado pelo sentido que se apresenta. Algo bem distinto de uma relação na qual o poder de determinar o destino e a verdade do mundo é um direito do homem. Quando se permite essa experiência de gênese, cabe ao ser humano um estado de concentração máxima, só que não em si mesmo, mas na realidade. Por isso, é melhor que ele esteja distraído: para que vida se faça vida por si mesma. Essa é a forma na qual o homem pode participar do envio, da gênese da realidade se fazendo desde si. E o próprio ser humano não pode ser algo que pré-existe ou que subsiste à experiência, mas que também se faz todo nisso e com isso. É claro que essa experiência é muito mais difícil e arriscada que a ação da tecnologia. Nela, certeza e previsibilidade não são mais a boa medida do sucesso. Ao contrário da disposição que pré-determina homem e mundo, a relação originária com o real exige muito mais esforço e coragem de quem se propõe a vivenciá-la.

Mas como vimos, a tecnologia quer mesmo é simplificar as coisas. Ela promete justamente tornar possível uma relação com a realidade, que apesar de estar quase sempre correta na determinação do mundo, não se ocupa, em nenhum grau, com a essência daquilo que se manifesta. A ideia é permitir uma apropriação eficaz e automatizada do real que elimina a necessidade de esforço. É por isso que, para Heidegger, a técnica moderna tira do homem o que ele tem de mais fundamental: sua incompletude, sua indeterminação, sua necessidade de vir a ser.

Todos conhecem os feitos da produção técnica. Admiramo-nos e os admiramos. E, no entanto, ninguém sabe o que isso na verdade é. Ninguém sabe através de que o homem atual, de maneira crescente, é provocado e impulsionado para o trabalho e o empreendimento (*Betriebsamkeit*) sem fronteiras. O que impulsiona o homem de um modo tão poderoso não pode ser um mero feito (*Gemächte*) do homem. Por isso, permanece enigmático e insólito (*unheimlich*). Precisamente este insólito (*dieses Unheimliche*) é o que impera no *fora de*

casa (no lugar de um despertencimento/ *im Unheimischen*) e assim vem ao encontro do homem e determina seu futuro. O amanhã não é tão só o amanhã que sucede ao hoje, mas ele já domina no interior do hodierno (HEIDEGGER, s/d, p.4).

Um esclarecimento com relação ao que pátria, lar, morada, lugar de onde se vem, ou ainda terra-natal querem dizer precisa ser feito. Com esses termos, Heidegger não está se referindo à nada que tenha caráter político ou social. Na verdade, o autor não quer apontar para nada da ordem do que é materializável, mas pretende indicar aquilo que é a essência do homem, seu fundamento abissal. A pátria do homem ou lugar de onde se vem é o seu fundo sem fundo. Não é nem mesmo um algo, se por algo se compreender uma coisa pronta e acabada, passível e à espera de ser descoberta. O lar do ser humano é apenas uma forma, um oco; é tão-somente a sua possibilidade de vir a ser.

Dessa maneira, para Heidegger, não há nada mais próprio no homem do que a necessidade de precisar fazer-se. O homem é o ente que não é absolutamente nada, e que, por isso mesmo, precisa vir a ser. Ele é simplesmente finitude, dor, limite, escassez, pobreza. E essa dor deve ser transformada em ação, em uma lida. Na medida em que esse fazer se mostra essencial, ele se revela a terra-natal do homem, seu lar, sua pátria.

Como fundamento, a pátria possui um apelo irresistível, um chamado muito forte: o lar é justamente o lugar onde se é de maneira mais plena o que se é; é onde se fica mais à vontade. Esse lugar próprio do homem é sempre uma obra, uma ocupação, uma lida, uma tarefa: é a realização de um destino. Sendo assim, o que é mais fora do homem, o que lhe é mais impátrio, é justamente a postura de não assentir com a necessidade de ação; é a opção por não consentir com a irrevogável tarefa humana de precisar se fazer.

Mesmo assim, é esse o projeto da tecnologia. Ele quer tornar possível uma nova pátria, um novo lugar de constituição do homem que signifique não precisar fazer mais nada: nem o mundo, nem a si mesmo. Por esse motivo, o impulso para o fora do lar permanece tão enigmático e insólito. A promessa da tecnologia irrompe no hoje sem que todos se dêem conta, e apesar disso, toma conta do presente de maneira visceral. A associação de técnica e ciência se transformou na nova casa do homem.

Uma casa imprópria; um lar que, na verdade, leva o homem para fora de sua pátria.

Para Heidegger, a inclinação para a técnica moderna é a operatividade da vontade de vontade, isto é, da subjetividade moderna. É um desejo que se baliza e se pauta pelo modo moderno de organização de homem e mundo como substâncias. Nesse horizonte, pensar o sentido da tecnologia é investigar esse envio, que direciona, condiciona, se apodera e se apropria da técnica e que transforma a realidade em conjunto de coisas disponíveis.

A crítica do filósofo quer expor as consequências da universalização dessa nova morada do homem. Esse outro lugar de constituição do homem, na verdade, o puxa para fora de si mesmo, para o sem pátria. Longe de seu fundamento, o homem fica sem rumo, sem nenhum enraizamento.

Não só para esta cidade, não só para a nossa terra natal, não só para a Europa, mas para todos os homens da Terra surgirá a pergunta se, sob a dominação da técnica moderna e junto às transformações do mundo por ela provocadas, ainda haverá *lar, lugar de onde se vem (Heimat)* em algum sentido. Talvez o homem venha a *fazer sua casa no não ter casa* (in der *Heimatlosigkeit/ talvez venha a fazer seu lugar no sem lugar*). Talvez desapareça a relação com o lugar de onde se vem. Talvez desapareça da vida (“Dasein”) do homem moderno o traço do lar (do lugar de onde se vem/ *den Zug zur Heimat*). (HEIDEGGER, s/d, p.4-5)

A associação de técnica e ciência quer dominação a qualquer custo; quer nos livrar do esforço, nos tirar de casa, nos subtrair de nós mesmos, mas o resultado não é o desaparecimento da relação com o lugar de onde se vem. O produto dessa vontade é o tédio profundo no qual mergulhou o homem contemporâneo. A nostalgia do lar, da qual esse homem padece, pode ser convertida tanto em inércia quanto em maquinação. Numa vida sem sentido, muitos desistem de agir, enquanto outros se distraem do tédio por meio de um fazer compulsivo, cuja finalidade é apenas fazer passar o tempo.

No interesse em que homem é determinado previamente e, por isso, não se esforça para vir a ser, a vida fica completamente sem sentido, e sem motivação, sendo o tédio sua manifestação. O tédio profundo é essa

tonalidade afetiva; é precisamente a dor que denuncia a ausência do lar, que indica a lacuna deixada pela recusa daquilo que é mais próprio do homem. O tédio é resultado da negação de vida enquanto ação necessária; é a marca da falta de lar, do não acolhimento da origem. Esse humor ou disposição toma o homem de assalto e se constitui como uma categoria que revela a vontade que impulsiona cada vez mais o homem para a tecnologia.

Uma vez tomado pelo tédio, o homem pode entrar em um crônico quadro de inércia. Isso porque a ausência de uma tarefa que lhe seja própria e que dê sentido para a existência, o homem perde o ímpeto e o impulso para a ação. Nessa perspectiva, a vida passa a ser uma longa espera de nada, que parece não passar nunca. O homem não realiza nada e desiste de toda e qualquer ação, porque nenhuma vale a pena, inclusive aquela que poderia fazê-lo vir a ser o que ele é.

Outro sintoma do tédio que pode ser diagnosticado no homem contemporâneo é a maquinação. Nesse horizonte, vida se transforma em sôfrega ação compulsiva, um fazer frenético e descompassado com a realidade. É o fazer por fazer, cujo objetivo é ocupar o homem para fazê-lo esquecer do tédio provocado pela ausência de lar; é uma tentativa desesperada de distraí-lo.

É curiosa a consanguinidade de nostalgia e maquinação. A dor causada pela ausência do lar é uma resposta para o tédio que busca olhar para trás, que procura encontrar, em algum lugar do passado, o lugar de onde se vem; enquanto que a ação compulsiva é uma forma de projeção que olha para frente, que sonha com um futuro de dominação completa sobre o real, com uma nova pátria para o homem. As duas saídas são o resultado de uma mesma vontade infinita de infinito. No primeiro caso, deixa-se de fazer, simplesmente porque não vale mais a pena: é a derrocada completa do poder do espírito. No segundo, ao contrário, cultua-se a pura fazeção: é o ápice da crença no poder da consciência, a partir da qual se quer agir, o tempo inteiro, e sem propósito claro. Nietzsche também identifica esses dois estados do homem cansado de modernidade e tomado pelo tédio. Ele chama a nostalgia, de niilismo passivo, e a maquinação, de niilismo ativo.

4. Considerações finais

É claro que as duas manifestações do tédio profundo no qual se encontra o homem não são as únicas formas possíveis de se relacionar com o real, na contemporaneidade. O que queremos apontar é que essas são as duas disposições do domínio da tecnologia, e que desde esse encaminhamento, o homem se afasta cada vez mais daquilo que lhe é mais próprio.

Nenhum equipamento técnico, nenhuma de suas realizações e fomentos, nenhuma imaginação superdesenvolvida, também nenhum empreendimento alucinado e ilimitado (*grenzenlose Betriebsamkeit*) – enfim, nada disso pode nos dar o lugar de onde se vem, um lar (*Heimat*), ou seja, aquilo que, no próprio cerne (*Kern*) de nossa existência, (*unseres Daseins*), nos sustenta, determina e faz crescer (HEIDEGGER, s/d, p.7).

Por outro lado, a proibição da tecnologia também não seria de nenhuma valia ou utilidade na tentativa de fazer com que o homem recupere a sua morada. O que é realmente fundamental é que o homem passe a reconhecer a técnica moderna enquanto tal: é preciso que ele se aproprie da compreensão de que a tecnologia não é o único modo de descobrimento do mundo, mas apenas um deles. É necessário que se tenha em conta que esse interesse particular não é a maneira mais originária, e nem mesmo a melhor ou mais interessante, de realização de realidade. Quando entende as características e limitações da tecnologia, enquanto perspectiva de desvelamento do mundo, o homem ganha a possibilidade de reincorporar à vida a dimensão do mistério e do extraordinário. É assim que o real pode recuperar o horizonte de tudo aquilo que não se submete ao controle e asseguração do homem.

A superação do tédio profundo deve passar, então, necessariamente, por uma nova assunção do mundo pelo homem. É preciso o entendimento de que é muita presunção, excesso de orgulho e arrogância do ser humano, colocar-se sempre como sujeito de toda a ação. Quando não compreende sua natureza de pobreza e limitação, o homem se estrutura como aquele que pode dispor do mundo da maneira que quiser, e, assim, iguala a existência à sua vontade.

Talvez, em meio ao impulso do *fora do lar*, do *não lugar do despertencer* (*Unheimischen*), prepare-se um novo

relacionamento para com o *lar* (para com o pertencer). É possível que uma festa como esta nossa possa interferir nesta preparação e assim atuar no amanhã (HEIDEGGER, s/d, p. 5).

A irrupção do futuro se dá numa decisão do hoje a partir do *ter sido*. É desde esse discernimento que se pode interferir no presente e atuar no amanhã. A era da técnica como ápice da metafísica e como promotora de desvelamento do mundo desde com-posição foi uma consequência da saturação da modernidade. Esse encaminhamento foi determinante na modulação do que vida significa hoje. Mas essa decisão pela técnica moderna não se tornou o modo mais importante de apropriação da realidade por um ato voluntário de uma singularidade. Esse tipo de destinação não é nada que esteja no domínio do arbítrio do homem. A decisão é sempre o resultado de um movimento que se move desde o que já está posto e proposto no presente. Logo não é a livre escolha de alguém, e sim o contrário: o homem é uma vítima, é um produto desse processo.

O que se quer apontar nessas considerações finais, é que, naquilo que hoje está posto, pode haver um outro modo de ser; o homem pode agir a partir de uma tonalidade afetiva que não seja o tédio: nem nostalgia, nem maquinação. Essa é uma questão que precisa ser posta e cuja urgência é incontornável. Para visualizar essa outra possibilidade, é preciso investigar o que busca e como se comportam certas disposições do homem. O desafio é encontrar um modo de ser que não modula e engendra a existência somente a partir de uma de suas possibilidades; a questão essencial é não querer do mundo, aquilo que não se pode querer, o que não é possível.

Pois para se orientar desde a essência do homem, a vontade deve ser justamente o contrário: precisa ser o acolhimento do possível. Nietzsche chama essa possibilidade de *vontade de poder*, isto é, um modo de ser ou disposição na qual o excesso é do pouco, a superabundância é do limite, e o transbordamento é da carência, que constituem o homem. A vontade de poder é a vontade que sabe que não pode tudo e que, por isso, acata o que precisa ser feito. Heidegger também afirma que a pátria do homem é justamente limite e escassez: é a necessidade de vir a ser. A partir desse fundamento, o homem deve querer o possível e fazer desse possível o absolutamente necessário. Isso significa assumir e celebrar o seu próprio fardo; tomar para si seu esforço e irrevogável tarefa.

O que está aqui sendo tratado por possível ao homem não é e nem deve ser encarado como algo do âmbito da contingência ou da ordem da eventualidade. Isso quer dizer que não se trata de uma questão de poder, ou não, ser. O possível não é da esfera da escolha do ser humano, e sim da necessidade e urgência, do que é inadiável e essencial. Aquilo que pode ser deve ser tomado e assumido pela vontade como algo da dimensão do que é absolutamente necessário. Só se quer o impossível, quando se compreende o mundo como constituído de uma forma diferente daquilo que ele deveria ser.

A serenidade, a boa consciência, a ação feliz, a confiança no que está por vir – tudo isto depende, tanto nos indivíduos como no povo, de que haja uma linha separando o que é claro, alcançável com o olhar, do obscuro e impossível de ser esclarecido; que se saiba mesmo tão bem esquecer no tempo certo quanto lembrar no tempo certo; que se pressinta com um poderoso instinto quando é necessário sentir de modo histórico, quando de modo a-histórico. Esta é justamente a sentença que o leitor está convidado a considerar: *o histórico e o a-histórico são na mesma medida necessários para a saúde de um indivíduo, um povo, uma cultura* (NIETZSCHE, *Segunda consideração intempestiva*, §1).

Em vez de tentar reconhecer e determinar essa linha que consegue separar o que é alcançável daquilo que é impossível de ser esclarecido, vontade de verdade e espírito de vingança dividiram a realidade em mundo de essência e mundo de aparência, com a finalidade de tornar tudo claro e absolutamente conheável, em última instância. A era da técnica é o ápice da metafísica; é fruto da mesma vontade que quer a verdade definitiva e universal e também a substituição da existência. Em vez de ajudar a esquecer tão bem quanto nos faz lembrar, a tecnologia tem o objetivo de se apresentar como uma memória pronta e à disposição da vontade e do domínio do homem: é uma lembrança de tudo sempre à mão. Essa determinação do mundo, como disposição, pode inviabilizar a efetivação de uma experiência originária da realidade. Não se trata de negar a tecnologia, mas ganhar a medida da ação técnica.

Para ganhar esse critério, é preciso que o homem não se deixe tomar pela má consciência; é preciso que ele tenha a percepção do possível e que saiba ganhar mas também perder, que consiga lembrar, mas que

também saiba esquecer o que precisa ser esquecido. É que o ser humano se torna mais rico toda vez que esquece o feito para lembrar o movimento de realização do real, para se dispor ao por fazer.

Se o homem é o vivente capaz de ação, essa possibilidade precisa ser compreendida como uma radical necessidade. Em sendo homem, é preciso se esforçar, mas ele tende a conspirar para não assumir essa tarefa. Só que em meio a atracão do fora do lar, é possível, e portanto necessário, uma relação de acolhimento e celebração do limite e necessidade de esforço. Para Nietzsche, isso se torna possível quando se toma a vida como construção na qual se procura fazer de todo *foi assim* um *assim eu quis* e *assim eu quero* e *hei de querer*.

Para longe eu vos levei dessas cantigas quando vos ensinei: “A vontade é criadora.”

Todo o “Foi assim” é um fragmento, um enigma, um horrendo acaso – até que a vontade criadora diga a seu propósito: “Mas assim eu o quis!”

– Até que a vontade criadora diga a seu propósito: “Mas assim eu o quis! Assim hei de querê-lo!” (NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, II, “Da redenção”).

Cada ato, como gesto de criação, é a repetição da seguinte forma: *ter sido*, mais *o que nos advém*, mais *o agora*. Isso é que funda uma temporalidade. Para resolver o tédio, é preciso atribuir sentido para a vida, numa tarefa que não significa simples distração. Esse sentido não pode ser qualquer um, não é uma livre escolha do sujeito, mas, ao contrário, é a atividade necessária e que se impõe, irreversivelmente, a cada um. Em Nietzsche, o resultado desse processo é chamado de intensificação, a efetivação do grande estilo. É fazer do meu possível o necessário: num mesmo ato e momento poder ser e precisar ser. O homem só é verdadeiramente livre justamente se tiver um fardo, uma carga que precisa ser dele, somente dele. A ação é assim, criadora, quando é transformadora do homem. Então a missão alegre, e o peso da tarefa é algo plenamente suportável.

Essa é a solução anunciada por Zaratustra. A cura do tédio e da falta de finalidade para a ação reside precisamente em fazer, de todo agir, algo absolutamente necessário. A atividade deve ser finita, precisa ser um fazer que é bem pouco, mas que mesmo assim, é o suficiente, e, portanto, é também o necessário. O sentido do agir precisa estar na própria ação, e somente nela. Começo, meio e fim se dão num mesmo ato. E é aí que

reside a sua dificuldade. É que em todo agir, na era da técnica, a tendência é colocar a finalidade, a meta e o propósito da ação, justamente fora dela mesma. Na tecnologia, o fim da ação é não agir.

Já a ação realmente plena não é uma ação gigante: pode até ser escassa, mas é algo do âmbito do possível e necessário, e por isso mesmo, é sempre cheia e completa. É um agir que se move a partir de si mesmo e que não resulta em busca sôfrega. Para isso, é preciso que não se veja na pobreza, na falta e carência nenhuma razão para pavor ou rebeldia. O decisivo nessa perspectiva do grande estilo é que naquilo que se faz, se faz tudo o que era possível de ser feito: é esse fazer que afirma identidade. A ação criadora vale por si, por isso, mesmo quando se acredita poder julgá-la como completamente inútil, ela precisa ser feita. Não importa qual é a avaliação que se faça desde outro interesse, que não seja o da própria ação.

É preciso celebrar, satisfazer-se, saciar-se com o limite e a falta. Fazer tudo o que tinha que ser feito é, no possível, levar a tarefa ao cúmulo. Mas não a um cúmulo de quantidade, mas de intensificação, no qual se conquista a clareza do que precisa ser feito. Com efeito, consumir as coisas passa a ser, desde e com elas mesmas, levá-las ao sumo. A alegria precisa se renovar passo a passo, a cada vez que cumprimos com tudo o que precisava ser feito. A cada tombo, a cada vez que se é necessário reiniciar o esforço, é preciso ter a mesma alegria que Sísifo ao chegar ao cume da montanha. É preciso abençoar a perda, a insuficiência, em toda e qualquer ação que é necessária. Como vida é ação possível, é preciso encontrar e assumir a ação inútil, mas absolutamente necessária. Uma ação comedida, compassada e escassa, mas na qual há tudo que tinha para ser feito: o pouco passa a ser a totalidade.

Pensar, recordar e lembrar a origem como sendo exatamente nada, coisa nenhuma: isso dá o fundo da existência humana como doação, gratuidade, uma espécie de sem porquê nem para que, desde nada e para nada. E a tarde, entendida como saturação do projeto moderno de homem e mundo, é justamente a hora privilegiada para buscar a pátria, para se regressar ao lar, pois é nesse momento em que a vontade de vontade se vê exaurida. A recuperação do pátrio é a recordação do lugar onde se pode fincar o pé, mesmo na pobreza e finitude constitutivas do homem. Esse lugar tem que ser acolhido serenamente, sem resignação, revolta ou rebeldia.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. In: *Ensaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 6. ed., p. 11-38, 2010.

_____. 700 anos de Messkirch. Trad. de Gilvan Fogel. (não publicada)

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.